

FEBRA  PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[65]



Fake News: um crime que ameaça a informação e a democracia, ataca a realidade e desconsidera o outro

Febrapsi faz série de vídeos sobre formação em psicanálise

29º CONGRESSO

Campinas sedia 29º Congresso da Febrapsi com o tema “O Eu com Isso: afetos em emergência”, momento de reencontro presencial e debates sobre a segunda tópica de Freud



Caros colegas e leitores, estar no Conselho Diretor da Febrapsi para o biênio 2022/23 é motivo de satisfação e, ao mesmo tempo, traz o peso da responsabilidade de dar sequência ao trabalho realizado com vitalidade nos últimos 55 anos por gerações de psicanalistas brasileiros.

“Aquilo que herdastes de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”, a frase de Goethe, citada por Freud, vale para a psicanálise e suas instituições. Cada nova gestão é a representante de uma geração de herdeiros que precisam, constantemente, sonhar, fundar, viabilizar, interpretar, reinterpretar, ressonhar e recriar, para que assim, a cada tempo, todos possam senti-la como sua.

Há quatro anos, a diretoria da Febrapsi, então presidida pela Anette Blaya Luz, criou cursos virtuais para que, por meio das plataformas digitais, pudéssemos intensificar as trocas e chegar a lugares distantes, nos quais não existiam sociedades vinculadas à IPA. Visava aumentar nossas possibilidades; na época, não se imaginou que depois de alguns meses essa experiência seria fundamental para que as federadas se adaptassem às limitações impostas pela pandemia e para a Febrapsi realizar seu Congresso virtualmente.

Agora, precisaremos retomar nossas atividades no modelo presencial. Entretanto, com uma certeza: nada será como antes! O antigo modelo estará indelevelmente marcado pelas experiências impostas e criadas na pandemia. Isso influencia o modo com o qual a diretoria se reúne, tem contato com as federadas e realiza seus eventos.

No primeiro mês da atual gestão, o Conselho Científico, coordenado por Zelig Libermann (SPPA) e secretariado pela Ana Clara Duarte Gavião (SBPSP), reuniu-se para definir o tema do 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, que será realizado em Campinas, de um a quatro de novembro de 2023. “O Eu com Isso: afetos em emergência” será o tema em homenagem ao centenário da basilar obra freudiana.

Estamos confiantes em realizar um grande Congresso presencial. Para atingir esse objetivo, é fundamental o trabalho da Diretoria de Publicação e Divulgação, coordenada pelo Luiz Celso Toledo (SBPRP). A Diretoria de Comunidade e Cultura, coordenada por Eloá Bittencourt Nóbrega (SBPRJ), retomou os contatos para realização do 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, em Salvador, e fará a 4ª Jornada de Comunidade e Cultura da Febrapsi, de quatro a 11 de novembro, com o tema “Branquitude – O Eu com Isso”. A Comissão de Estudos Psicanalíticos e Práticas Antirracistas segue trabalhando; assim como o Observatório Psicanalítico e seu recente desdobramento, o podcast Mirante, proporcionando oportunidades para que nossos colegas divulguem suas considerações sobre as mais diversas questões que acontecem em nosso país e no mundo, sempre com um olhar psicanalítico.

Renata Arouca (SPBSb) assumiu o Conselho Profissional, diretoria que há décadas vem lutando pela defesa do nosso peculiar e secular modelo de formação. Nosso colega Cláudio Castelo Filho (SBPSP), à frente da Revista Brasileira de Psicanálise, tem trabalhado no estímulo da produção científica e na cuidadosa edição da nossa revista, o próximo número terá como tema a “Privacidade”.

Contamos ainda com o generoso e competente trabalho das colegas Denise Zimpek Pereira (SBPdePA), na Secretaria Geral; Ana Cláudia Zuanella (SPRPE), na Tesouraria; e Daniela Bormann Vieira (SPRJ), na Superintendência.

Temos estimulado a participação dos membros das federadas. Gosto de pensar o trabalho institucional como uma espécie de jogo do rabisco proposto por Winnicott: temos compromissos com o que foi feito até então, utilizamos como base de sustentação e somos pautados pela tradição/estatuto. Ao mesmo tempo, temos a possibilidade de dar sequência com a peculiar experiência que cada membro traz de suas diretorias, tudo com responsabilidade, criatividade, se adequando às necessidades/potencialidades de cada tempo e respeitando as resultantes das demandas e ritmos das nossas federadas; afinal, como na citação do poeta Manoel de Barros, sinalizamos, no discurso de posse, que “para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber que o esplendor da manhã não se abre com faca”.



Hemerson Ari Mendes

(SPPel)

Presidente da Febrapsi



Caro colega,

Talvez você não se lembre de Vera Lynn, mas você já a ouviu cantar. Ela foi uma artista britânica que teve sucesso durante a Segunda Guerra Mundial. Vera faleceu aos 103 anos, em junho de 2020, quatro meses após a confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil. Uma das canções mais conhecidas gravadas por ela foi *We'll meet again* (algo como “Nós nos encontraremos novamente”), uma música triste e, ao mesmo tempo, esperançosa, como um retrato em branco e preto de um tempo marcado por grandes perdas. Há algo que chora dolorosamente nessa canção, mas também há uma promessa saudosa em *We'll meet again*.

Nas jornadas preparatórias que antecedem a realização do Congresso Brasileiro da Febrapsi - para o qual Ronis Magdaleno (SBPCamp/SBPSP) nos convida a todos efusivamente nesse Febrapsi notícias - tenho observado sinais dessa saudade, uma necessidade irrefreável de se reunir e conversar.

Na presente edição, Eloá Bittencourt (SBPRJ) também nos convida a participar do 5º Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa, que acontecerá em abril, em Salvador, Bahia. Helena Pontual (SBPSP/SPBSb), minha estimada colega de Comissão Editorial, nos conta a respeito do Congresso da IPA que se realizará em Cartagena, na Colômbia, em meados do próximo ano.

Zelig Lieberman (SPPA) e Sylvain Levy (SPBSb) contribuíram com dois belos trabalhos nos quais revisitaram “O Ego e o Id”, que fará 100 anos em 2023. Mais do que homenagear, trata-se de lançar novos olhares para um período do pensamento freudiano que segue tendo muito a oferecer.

Renata Arouca (SPBSb) apresenta um projeto que se propõe a enfrentar uma questão muito relevante: a necessidade de informar à população, aos estudantes e aos profissionais que se interessam por psicanálise a respeito dos critérios de formação adotados pelas instituições ligadas à IPA.

Alicia Lisondo (SBPCamp/SBPSP) e Marly Terra Verdi (SBPSP/GEP Rio Preto) nos convidam a colaborar com o belo trabalho desenvolvido pelo SOS Brasil. Denise Zimpek (SBPdePA) nos atualiza a respeito das atividades da Comissão de Vínculos de Casal e Família da Febrapsi e de suas equivalentes nas federadas. A diretoria da ABC nos informa que os membros filiados/candidatos estão empenhados em

pensar e debater temas muito relevantes, como a diversidade na formação psicanalítica.

Por fim, Cintia Albuquerque (SPBSb) oferece recursos valiosos para observar um fenômeno contemporâneo, frequente e perigoso: o uso em massa de *fake news*, ou de desinformação intencional. A mentira não é novidade, mas as formas de fabricá-la e transmiti-la em larga escala tem se sofisticado e a psicanálise tem muito a refletir sobre o tema.



Luiz Celso Toledo (SBPRP)

Diretor de Publicações e Divulgação da Febrapsi.

“Nós nos encontraremos novamente” - cantava Vera Lynn, como se promettesse dias melhores aos que atravessavam um dos períodos mais violentos e dolorosos da história da humanidade. Aos poucos, nós também voltaremos a nos encontrar.

Até breve.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPSI

DIRETOR: Luiz Celso Toledo (SBPRP)

EDITOR EXECUTIVO DO FEBRAPSI NOTÍCIAS: Luiz Celso Toledo (SBPRP)

EDITORA DO FEBRAPSI NOTÍCIAS: Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBSb)

COMISSÃO EDITORIAL: Cintia Buschinelli (SBPSP), Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBSb) e Luiz Celso Toledo (SBPRP)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Helena Daltro Pontual (RP 866/1982)

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

CAPA: “Figura só”, de Tarsila do Amaral
Óleo sobre tela - Museu do Masp.

FOTO: Eduardo Ortega

CONCEPÇÃO: Cintia Buschinelli (SBPSP)

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPSI)

Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001

Tel: (21) 97168-0280 ☎ | e-mail: contato@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Edição distribuída em formato digital

Acesse as redes sociais da Febrapsi | Facebook | Youtube | twitter | Instagram

Estes loucos anos 20 – luto e criatividade

O Ego e o Id: Precursores e Derivados

Ao longo de mais de cinco décadas de atendimento aos pacientes e de desenvolvimentos teóricos, a obra de Freud passou por várias transformações. É admirável sua capacidade de repensar as próprias ideias e propor novas formulações, sem, no entanto, descartar totalmente as teorias anteriores.

De acordo com André Green, um momento fundamental de transformação na obra freudiana foi a publicação de *Além do princípio do prazer*, texto que, em sua opinião, iniciou o período denominado por ele de “Giro dos anos 20”.

Esse texto inaugura uma nova fase da obra de Freud, em que ele principia a buscar respostas para os fracassos da clínica, levando ao desenvolvimento de um novo modelo da mente.

André Green considera que o Giro dos Anos 20 tem três aspectos importantes: primeiro, a tese da compulsão à repetição, a força demoníaca da pulsão; o segundo é a revelação da força principal que se contrapõe ao potencial criador da libido, que é a pulsão de destruição; e o terceiro é a duplicidade do Ego que passa a ter uma parte inconsciente: suas defesas se originam da mesma cegueira que afeta o desejo.

Entre 1914 e 1920, Freud escreveu vários textos importantes para o desenvolvimento da psicanálise: *A contribuição à história do movimento psicanalítico*; *Introdução do Narcisismo*; *A metapsicologia*; *Conferências introdutórias*; *Luto e Melancolia*; *O estranho*; *Uma criança é espancada*; até chegar ao artigo *Além do Princípio do Prazer*. Freud evidenciou uma impressionante criatividade, escrevendo todos esses trabalhos, no difícil período do conflito bélico entre os países europeus.

Por outro lado, foi uma época de muitas dificuldades pessoais (penúria pela guerra; filhos no front; mortes de amigos e da filha Sophie) e com movimentos dentro do grupo psicanalítico (notadamente a ruptura com Adler e Jung).

Além disso, Freud estava vivendo os fracassos da clínica. E um caso paradigmático disso foi “o Homem dos Lobos”, que se analisou entre 1910 a 1914. Todos nós sabemos que esse não foi um tratamento bem-sucedido. E, em função desses fracassos da clínica, ele começou a perceber as insuficiências da teoria para explicar e abordar todos esses elementos.

Em que pese a influência da guerra e das demais vicissitudes abordadas acima, André Green considera que a clínica foi o fator preponderante para as inovações que se seguiram no “Giro dos anos 20”.

A I Guerra Mundial trouxe uma pergunta: “o que empurra os homens à matança e às feridas que os deixarão inválidos e sofrendo para o resto da vida?” No que se refere à clínica psicanalítica, Green supôs que Freud consideraria que, nos casos de pacientes neuróticos que não melhoravam, a despeito da terapêutica, haveria a manutenção do conflito psíquico, levando ao sofrimento permanente, que poderíamos chamar de “guerra interna”. Então, Green traz uma interessante questão: Viveria Freud entre o por que a guerra e por que a manutenção da enfermidade?

Chegamos, assim, ao Giro dos Anos 20 que, embora tenha sido inaugurado pelo *Além do princípio do prazer*, inclui textos posteriores com ideias de Freud que vieram na esteira do trabalho sobre pulsões de vida e de morte. O texto de 1920 e *O Ego e o Id* adicionam outros elementos constitutivos do caráter enigmático do aparato psíquico.

Além da transformação da teoria das pulsões, temos também os estudos sobre o Ego nesse Giro dos Anos 20, começando por *O ego e o Id* e complementado pelo artigo *Inibição, sintoma e angústia*. Ambos contribuíram para mudar a posição e o papel da instância egoica, ressaltando ainda a importância das vivências primitivas para a constituição do aparelho psíquico e para a potencialidade traumática.

Outro texto importante como parte desse Giro dos Anos 20 é o *Masochismo erógeno primário*, de 1924, no qual Freud coloca a questão da origem interna da destrutividade; a agressividade representaria uma parte da pulsão de morte projetada para fora. E esse é um aspecto importante no contexto da guerra, enfim, dessa destrutividade que seria inata ao ser humano.

Então, vejam que o Giro dos Anos 20 inclui Além do princípio do prazer e outros textos, os quais mudarão substancialmente a obra de Freud e a sua visão sobre a estrutura e o funcionamento do psiquismo.

Em 1923, Freud publica *O Ego e o Id*, no qual apresenta um novo desenho da mente, a chamada Teoria Estrutural. Modelo da mente em que as pulsões passam a estar dentro do aparelho psíquico. E qual o valor dessa transformação para o Giro dos Anos 20? A importância é que na primeira tópica, constituída por consciente, pré-consciente e inconsciente, Freud afirmava que a pulsão (elemento limítrofe entre o soma e o psíquico) nunca estaria dentro do incons-



Zelig Libermann

Psiquiatra, diretor científico da Febrapsi, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

ciente. Para estar no interior do psiquismo, a pulsão necessitaria ligar-se a uma representação.

Assim, na primeira tópica, Freud descreve um modelo mais relacionado ao âmbito da neurose, à mente mais estável, com as energias ligadas, predominando a representação.

Na segunda tópica, a teoria estrutural, ao lado da instância egoica, Freud descreve o Id, espaço psíquico que contém as pulsões: porção originária do aparelho psíquico, a partir da qual se desenvolverá o Ego.

O Id demandaria o esforço permanente para a tramitação de energias de investidura e daquelas que lutam pelo desligamento. Modelo de aparelho psíquico com um quantum permanente de energia desligada, no qual está limitada a possibilidade de representação; esboço da mente que contempla o irrepresentável e, portanto, um potencial maior de instabilidade. Essa ideia nos apresenta a uma lógica de automatismo e compulsão à repetição, modos primitivos do funcionamento mental, tanto no que se refere aos pacientes não-neuróticos quanto aos núcleos primitivos em indivíduos nos quais predomina a estrutura neurótica.

Com relação ao Ego, até 1920, Freud o considerava uma instância que atuaria em favor do tratamento - em que pese já haver menção às resistências. Na segunda tópica, o Ego passa a ter uma parte inconsciente que o torna uma instância não tão colaboradora da terapêutica. O que vai, de certa forma, nos ajudar a entender a manutenção da enfermidade, como afirma Green. Acrescido do fato de o investimento libidinal do Ego, o narcisismo, é também um complicador na medida em que, ao se tratar (e mesmo na vida fora do tratamento), o sujeito tem que se haver com as suas feridas narcísicas. E quanto maior é esse investimento da libido no próprio Ego, mais dificuldade terá o indivíduo para transformar a visão idealizada sobre si mesmo.

Outro fenômeno que chamou a atenção de Freud foi que:

“Aprendemos em nossas análises que existem pessoas em quem a autocrítica e

a consciência moral, vale dizer, operações anímicas situadas no mais alto da escala de valores, são inconscientes. (...) Se queremos voltar a nossa escala de valores, teríamos que dizer: Não somente o mais profundo, também o mais alto no ego pode ser inconsciente". (Freud, 1923, pg. 28-9)

A partir dessa constatação, Freud inferiu que o Ego é passível de sofrer cisões e que:

"A separação de uma instância observadora do restante do Ego pode ser um traço regular dentro da estrutura egoica; essa ideia não mais me abandonou e me vi impulsionado a investigar os outros caracteres e nexos da instância assim separada. (...) E como cumpre ao reconhecimento de uma instância separada dar à coisa um nome próprio, designarei no que segue Superego a essa instância situada no interior do ego". (Freud, 1933 [1932], p. 55)

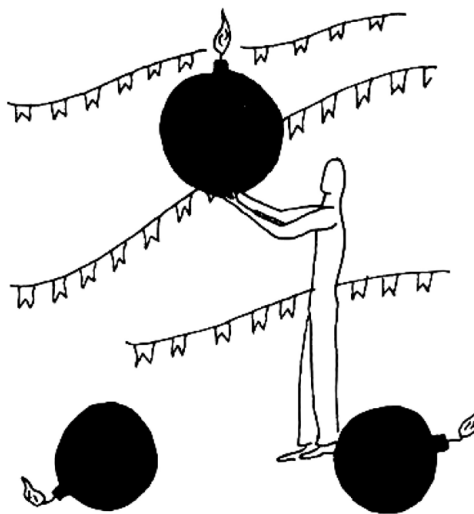
A descoberta do Superego é plena de desdobramentos dentro da teoria estrutural, tanto no que tange as suas origens (as identificações com as figuras parentais na elaboração do Complexo de Édipo) e funções (consciência moral e ideal de Ego) no psiquismo do indivíduo, quanto ao papel que desempenha na transmissão dos valores morais e éticos da humanidade.

De acordo com Freud,

(...) o Superego da criança não se constrói segundo o modelo de seus progenitores, senão segundo o Superego deles; se preenche com o mesmo conteúdo, se torna portador de todos os valores permanentes que se produziram por esse caminho ao longo das gerações. (Freud, 1933 [1932], p. 62)

Em que pese que a instauração do Superego ocorra em detrimento da livre expressão dos impulsos, ela representa um avanço da independência do indivíduo em relação ao ambiente externo para conter suas pulsões e, portanto, sua inserção definitiva na cultura. A contrapartida é que o sujeito passa a ser observado desde seu mundo interno e, por isso, a conviver com o sentimento inconsciente de culpa, uma vez que a pulsão é reprimida, mas o desejo persiste no inconsciente e não se pode escondê-lo do Superego.

Como vimos acima, o processo de desenvolvimento psíquico que leva à inserção do sujeito na cultura reproduz o caminho trilhado pela humanidade. Segundo Freud, "o elemento cultural está dado com o primeiro objetivo de regular os vínculos sociais". A convivência humana só se tornou possível pela premissa básica de restrição da livre expressão das pulsões, permitindo reunir uma maioria mais forte que os indivíduos isolados. A questão é como ultrapassar uma barreira que se opõe a cultura: a inclinação natural dos seres humanos a agredirem-se uns aos outros.



PATEÍTICO

José Leonilson Bezerra Dias, Pinacoteca de São Paulo

A substituição do poder do sujeito pelo da comunidade foi um passo decisivo para a cultura, pois estabelece a busca pela justiça, por uma ordem estabelecida que não será rompida em favor do indivíduo.

Essas condições básicas das relações humanas comunitárias fazem parte do que Freud denominou Superego cultural, o qual tem estabelecido seus ideais e demandas.

"Entre estes, os que se referem aos vínculos recíprocos entre os seres humanos se resume sob o nome de ética. (...) A ética há de conceber-se com um ensaio terapêutico, como um empenho de alcançar por um mandamento do Superego aquilo que até este momento o restante do trabalho cultural não havia alcançado". (Freud, 1930 [1929], p. 137-8)

E ainda de acordo com Freud, "os vínculos recíprocos entre os seres humanos" envolvem também o ideal de que todos os indivíduos tivessem atendidas suas necessidades básicas. Nesse sentido, podemos considerar que, do ponto de vista dos meios concretos, a humanidade avançou muito em sua possibilidade de atender aos requerimentos fundamentais de cada sujeito. No entanto...

Os períodos de mudanças da Humanidade caracterizam-se pela influência mútua entre os meios de produção econômica e cultural. As transformações sociais podem ser marcadas por progressos e benefícios, mas potencialmente são acompanhadas da sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes.

Talvez mais rapidamente do que em eras anteriores, desde o século XVII, a Humanidade tem enfrentado profundas transformações, as quais iniciaram com a Revolução Industrial e com a secularização do pensamento, passando pela I Guerra Mundial e o fim das ilusões da Belle Époque, além da Grande Depressão Econômica dos anos 1930, até chegar à II Guerra Mundial e à banalização do mal.

A partir da segunda metade do século XX, o intenso avanço tecnológico e costumes mais flexíveis propiciaram muitas comodidades, assim como a possibilidade de uma vida mais longa e de melhor qualidade.

Nesse caso, onde estariam as condições para o momento tão conturbado que hoje vivemos

globalmente? Quais os fatores que nos levam à sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes?

Evidentemente que essas perguntas demandariam a observância de inúmeros pontos de vista. Portanto, as conjecturas que aqui apresentarei são necessariamente parciais.

Um primeiro aspecto a considerar é o papel da crença nos atributos da tecnologia. A fantasia de poder absoluto do ser humano, trazida pela evolução tecnológica, mostrou-se uma expectativa frustrada. Até o início da pandemia de Covid-19, parecia não haver limites para o progresso humano. Chegou-se ao ponto de acreditar que o Homem podia brincar de ser Deus! E, então, acabamos nos deparando com o fato de que os recursos de que dispomos na atualidade não foram suficientes para evitar, parafraseando Raul Seixas, o "tempo em que a Terra parou"! A pandemia de Covid-19 nos colocou, coletivamente, de frente com as três grandes fontes do sofrimento do indivíduo, segundo Freud: A natureza, o corpo e o outro.

Somado a isso, é importante levar em conta a frustração das expectativas ligadas ao fenômeno da globalização. A promessa de uma aldeia global com distribuição de informação, conhecimento e riquezas não se tornou uma realidade ampla. O que se constatou é que, ao longo do tempo, a disponibilidade de tecnologia passou a ser dispar ao redor do mundo, não tendo ocorrido a diminuição da desigualdade social e econômica. Mundialmente, aumentou a concentração de renda, o trabalho foi se tornando cada vez mais precário e camadas da população ficaram (e continuarão) sem função na sociedade.

Além disso, percebe-se a tendência a uma cultura homogênea, que leva à perda de referenciais locais. Nesse contexto, a atividade simbólica, essencial à construção do psiquismo, sofre prejuízos, podendo ser substituída por manifestações voltadas ao corpo ou ao ato. O pensamento é substituído pela ação.

Podemos conjecturar, então, que vivemos um período de perda de ideais da Humanidade, perda esta que se faz acompanhar das sensações de desamparo, desesperança e desilusão.

De acordo com Freud, momentos como estes são propícios à formação das massas psicológicas, nas quais a multidão de indivíduos coloca um único líder no lugar do ideal de ego, identificando-se com seus hipnotizantes discursos de restauração dos ideais perdidos.

Levando-se em conta que tais fenômenos se repetem historicamente, em momentos de crise a Humanidade estaria propensa a se dividir e a buscar o pretenso conforto em líderes messiânicos que tudo explicam e tudo resolvem por meio dos seus discursos hipnotizantes? Talvez!

No entanto, quem sabe ainda possamos restaurar a sensação de amparo, de esperança e a necessária ilusão acreditando que o contínuo (ainda que oscilante) desenvolvimento do ser humano leve um número crescente de indivíduos a concordar com Hannah Arendt: "O poder não pertence a nenhum indivíduo. Sendo fruto da capacidade humana de agir em concerto, o poder pertence a um grupo e existe na medida em que o grupo se mantém unido". Ou, como diria Freud, no amálgama das pulsões que caracteriza a vida, que, então, predomine a pulsão de vida.

Congresso da Febrapsi debate sobre a psicanálise na contemporaneidade

Helena Daltro Pontual

Membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb).

O presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp), Ronis Magdaleno Júnior, foi entrevistado pelo Febrapsi Notícias e falou sobre o 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, a ser realizado de um a quatro de novembro de 2023. É o primeiro Congresso Brasileiro sediado em Campinas, e o tema é "O Eu com Isso: afetos em emergência", em comemoração do Centenário de "O EU e o ID", de Sigmund Freud (1923). A proposta, segundo Ronis, é expandir a segunda tópica freudiana e pensar sobre o lugar da psicanálise na contemporaneidade. Ronis também nos fala da história e do funcionamento da SBPCamp.

P – Como surgiu a Sociedade de Campinas?

R – Em 2009, um grupo de psicanalistas de Campinas e de outras cidades do interior paulista enviaram à IPA seu pedido de constituição de um Grupo de Estudos, depois de muito debate e discussão entre seus membros. Instituiu-se então o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas), sob o acompanhamento do *Sponsoring Committee da IPA*. Em 2011 houve a seleção da primeira turma de formação do Instituto de Psicanálise do GEPCampinas. Cursaram a formação seis candidatos. Em 2018, houve a formação da primeira candidata, que passou a ser membro associado. Em seguida o grupo se qualificou para pedir passagem à condição de Sociedade Provisória junto à IPA. Em maio de 2020, a IPA, por meio da *International New Groups*, aprovou a documentação e indicou o GEPCampinas para postular, diante do *board da IPA*, sua indicação para Sociedade Provisória. Em junho de 2020, a instituição se tornou Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas.

P – Como é hoje a Sociedade. Quantas pessoas atuam nela?

R – Somos hoje 21 membros efetivos, dos quais 12 com função didática, oito membros associados e um membro honorário. Depois da nossa inserção nos quadros da IPA já formamos 13 analistas.

P – Como funciona a escolha de candidatos e o Instituto?

R – Montamos bancas para avaliar os pretendentes a partir de currículo, memorial e entrevista com três analistas didatas. Terminadas as avaliações, o grupo de didatas se manifesta pela



Ronis Magdaleno Júnior - (SBPCamp)

aprovação ou não do pretendente. Aprovado, o candidato tem três meses para iniciar sua análise didática, que é feita quatro vezes por semana. Para começar os cursos teóricos e seminários clínicos, é necessário fazer um ano de análise didática. Nossa grade curricular é fechada. São estudadas as obras de Freud, Bion, Klein e Winnicott, além dos seminários clínicos e temáticos. O analista em formação precisa apresentar dois relatórios com supervisão de 80 horas para cada paciente atendido quatro vezes por semana. O analista em formação só pode encerrar a análise didática depois que apresentar o segundo relatório. Se tudo for feito no tempo pedido a formação dura cerca de seis anos. Aceitamos psicólogos e médicos, mas há abertura no nosso Regimento para aceitar colegas de fora dessas áreas, contanto que a pessoa tenha alguma experiência psicanalítica.

P – Como você define a Sociedade? Quais suas atividades no meio social?

R – Nossa Sociedade tem forte influência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mais de noventa por cento dos nossos membros são formados pela SBPSP. Em termos psicanalíticos, há forte influência do pensamento bioniano, winnicottiano e kleiniano, mas sempre fundamentados no estudo aprofundado da obra de Freud. É uma Sociedade com forte produção teórica. Em termos de formação, somos conservadores no sentido de seguir o modelo Eitingon em sua totalidade. Temos trabalhado também com muitos eventos sobre psicanálise correlacionada ao cinema, literatura e ciência, interagindo com profissionais de outras áreas. Há muitos analistas de nossa Sociedade ativos na Febrapsi, Fepal e na própria IPA. Temos preocupação de ter uma inserção política dentro das instituições psicanalíticas. No aspecto social, temos um projeto em atividade para atendimento

de grupos de gestantes e puérperas. Também temos analistas envolvidos em atender a população afetada por alguma catástrofe, problemas sociais e questões humanitárias.

P – Qual o local e as perspectivas para o Congresso?

R – O Congresso será presencial, sediado no Royal Palm Hall, o centro de convenções mais moderno da América Latina. Fica na saída de Campinas, entroncamento com a Via Anhanguera com a Rodovia Dom Pedro I, próximo ao Aeroporto de Viracopos. Estamos com a perspectiva de ter um número grande de participantes, com cerca de mil e quinhentos inscritos, espero. Será o primeiro Congresso Brasileiro sediado em Campinas. Campinas, para quem não conhece, é um polo tecnológico. Temos a PUC, a Unicamp e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, que é uma instituição brasileira de pesquisa em física, biologia estrutural e nanotecnologia, que desenvolve projetos nas áreas de Física, Química, Engenharia, Meio Ambiente e Ciências da Vida. Ao mesmo tempo, Campinas guarda algumas coisas de cidade do interior, com a cidade das flores Holambra por perto, bem como áreas rurais como os Distritos de Sousas e Joaquim Egídio. Campinas também é a terra onde nasceu Carlos Gomes. Deveremos promover apresentações de música e orquestra no Congresso.

P – Qual a importância de debater o tema do Congresso para o avanço da Psicanálise?

R – Pretendemos, com o tema escolhido para o Congresso – "O Eu com Isso: afetos em emergência" – discutir e expandir a segunda tópica, que é sempre muito atual, tentar pensar o lugar do Eu na Psicanálise e a Ética na contemporaneidade. Pensar também na questão do Superego nessa época de tensões políticas e catástrofes diversas que estamos vivendo. É um tema que permite discussões interdisciplinares da psicanálise com a sociologia, a política, a ética e a lei. Estamos num processo de expansão do conhecimento. Também será um momento de reencontro, o primeiro Congresso presencial depois da pandemia, o que é muito animador.

COMUNICADO

O Tema do próximo número da Revista Brasileira de Psicanálise será "Privacidade". Os interessados em submeter seus trabalhos deverão encaminhá-los para a RBP até 30 de novembro de 2022.

Claudio Castelo Filho
Editor

Campinas recebe o 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise

Ronis Magdaleno Júnior

Diretor Presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas e coordenador da comissão local do 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise.

Nos dias um a quatro de novembro de 2023, Campinas sediará o **29º Congresso Brasileiro de Psicanálise**, organizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), que terá como tema **O Eu com o Isso: afetos em emergência**. Será uma oportunidade de voltarmos a nos reunir presencialmente depois de tanto tempo restritos à modalidade *on-line*, que tanto nos ensinou sobre novas possibilidades de encontros, mas que, ao mesmo tempo, restringiu-nos no âmbito de nossas relações pessoais e nas trocas afetivas. Certamente será um momento de grandes emoções, além da retomada de nossos intercâmbios científicos.

O Congresso estará sediado no complexo Royal Palm Hall, na entrada da cidade de Campinas, o que facilitará muito o acesso aos colegas que virão de outras localidades. Trata-se do centro de eventos mais avançado e completo da América Latina, e que conta, portanto, com uma infraestrutura ideal para receber os congressistas. Além disso, tem a vantagem de estar inserido no complexo hoteleiro Royal Palm Plaza o que irá, certamente, proporcionar maiores possibilidades de intercâmbio e convivência entre os participantes.

A comissão organizadora do Congresso, juntamente com a comissão local, estão, já há algum tempo, trabalhando na preparação do evento, e logo começaremos a divulgar as informações



necessárias e úteis para que o período de estadia em nossa cidade seja aproveitado da forma mais completa possível.

Campinas é uma metrópole, com mais de um milhão de habitantes, ainda que guarde características de uma cidade do interior paulista. Os contrastes entre áreas de grande densidade populacional, verticalizadas, trânsito e, quase dentro de seu

perímetro urbano, áreas rurais, de mata nativa e arquitetura do período cafeeiro, confere à nossa cidade uma personalidade própria e intrigante, muito apropriada, portanto, para acolher nossas conversas sobre o Eu e o Isso. Um falso contraste que, em verdade, apresenta um *continuum* com alto poder de expansão e criatividade. Afetos em emergência.

Outra característica de nossa cidade, e que será foco de nossa comissão organizadora, é a forte inserção acadêmica e científica que fazem parte de sua identidade. Campinas acolhe a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), referência internacional como polo de excelência no desenvolvimento da Ciência, além de ampla rede universitária de renome. O estímulo à participação de acadêmicos será uma prioridade do trabalho de divulgação do Congresso.

Estamos preparando para os colegas congressistas e suas famílias atividades culturais que não poderiam deixar de contemplar a presença de nosso ilustre Carlos Gomes, com apresentações de suas obras, e de artistas locais, que, certamente, trarão um brilho especial para nossa convivência nos dias do Congresso.

Além do exposto, Campinas é HUB da companhia aérea Azul, o que permite voos diretos de todas as capitais e de muitas cidades do Brasil, facilitando o acesso aéreo ao aeroporto de Viracopos, localizado a 15 minutos do Complexo Royal Palm Hall.

Fica oficializado o convite aos colegas da Febrapsi e a todos aqueles que se interessam pelo desenvolvimento da Psicanálise. Campinas os receberá com os afetos em emergência!

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

PRESIDENTE: Hemerson Ari Mendes
SECRETÁRIA GERAL: Denise Zimpek Pereira
TESOUREIRO: Ana Cláudia Zuanelle
DIRETOR DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA: Zelig Libermann
DIRETOR DO CONSELHO PROFISSIONAL: Renata Arouca de O. Morais
DIRETOR DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO: Luiz Celso Castro de Toledo
DIRETORA DE COMUNIDADE E CULTURA: Eloá Bittencourt Nóbrega
DIRETORA SUPERINTENDENTE: Daniela Bormann Vieira
SECRETÁRIA DO CONS. DE COORD. CIENTÍFICA: Ana Clara Duarte Gavião

ADMINISTRAÇÃO

GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO: Lúcia Boggiss
ANALISTA DE COMUNICAÇÃO: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

EDITOR: Claudio Castelo Filho
EDITORA ASSOCIADA: Elsa Vera Kunze Post Susemihl

CONSELHO CIENTÍFICO

DIRETOR: Zelig Libermann
SECRETÁRIA DO CONS. DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA: Ana Clara Duarte Gavião
SBPSP: Ana Maria Stucchi Vannucchi
SPRJ: Christine Nunes e Olívia Berbieri Porcaro
SBPRJ: Maria Elisa Alvarenga
SPPA: Cátia Olivier Mello
SPRPE: Dinora Borges Rodrigues Maricevich
SPBs: Daniela Yglesias de Castro Prieto
SBPdePA: Cibele Hentschel Formel Couto
SPPel: Beatriz Hax Sander
SBPRP: Luciana Marchetti Torrano
APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
SPMS: Gleda Brandão Coelho Martins Araújo
SBPMG: Alane Michelini Moura
SPFOR: Rosane Muller Costa
SBPCampinas: José Carlos Veras di Migueli

SBPG: Andréia Lobo Costa Campos de Melo
GPC: Sérgio Seishim Kaio
GEP Rio Preto e Região: Eda Márcia Palacin Pagliuso
GEP-SC: Maria Carmelita Teixeira Gorski

DELEGADOS

Carmen C. Mion, Marta Regina de Moraes Foster, José Alberto Zusman, Rosa Maria Carvalho Reis, Lucia Maria de Almeida Palazzo, Miguel Ângelo Cabral Sayad, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Cláudia Giacomet De Carli, Alirio Torres Dantas Jr, Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, Roberto Calil Jabur, Astrid Elisabeth Muller Ribeiro, Lores Pedro Meller, Christine Marques Castro Vinhas, Graciela Huecú Maldonado Loch, Mônica Bitar Santamarina Araújo, Marystella Carvalho Esbrogue, Luciana Ferraz Bocayuva, Paulo Marcio Bacha, Mirian Cátia Bonini Codorniz, Marília Macedo Botinha, Rossana Nicolliello Pinho, Petrônio Sá Benevides Magalhães Júnior, Regina Célia Cardoso Esteves, Ronis Magdaleno Júnior, Ana Maria Queiroz Guimarães Protti, Maristela Nunes Pinheiro, Kátia Barbosa de Macêdo, Geo Marques Filho, Fábila Badotti Garcia Herrera, Osvaldo Luis Barison, Gláucia Maria Ferreira Furtado, Fabio Firmino Lopes, Ana Maria Maykot Prates Michels

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) - Carmen C. Mion
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) - José Alberto Zusman
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) - Lúcia Maria de Almeida Palazzo
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) - Maria Cristina G. Vasconcellos
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE) - Alirio Torres Dantas Jr.
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBs) - Lúcia Eugênia Velloso Passarinho
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) - Astrid Elisabeth Muller Ribeiro
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) - Christine Marques Castro Vinhas
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) - Mônica Bitar Santamarina Araújo

Ass. Psicanalítica do E. do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4) - Luciana Ferraz Bocayuva
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) - Paulo Marcio Bacha
Soc. Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) - Marília Macedo Botinha
Soc. Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR) - Petrônio Sá Benevides Magalhães Júnior
Soc. Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCampinas) - Ronis Magdaleno Júnior.
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG) - Maristela Nunes Pinheiro
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC) - Géio Marques Filho
Grupo de Estudos de Psicanálise de S. J. do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região) - Osvaldo Luis Barison
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC) - Fabio Firmino Lopes

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Macaé
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise:

<http://rbp.org.br/>

Jornal Febrapsi Notícias:

<https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>

Observatório Psicanalítico

<https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>

Mirante — O Podcast da Febrapsi

https://febrapsi.org/project_category/mirante/

Podcast Associação Livre - Febrapsi

<https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWNIB2eZMFmbp2a>

Boletim das Federadas:

<https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>

Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise:

https://www.youtube.com/channel/UCm0SeVqnuUYjYUxCP_Aw

29º Congresso Brasileiro de Psicanálise: “O Eu com Isso: afetos em emergência”

Zelig Libermann

Psiquiatra, diretor científico da Febrapsi, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Março de 2020, marca temporal do início da pandemia de Covid-19 em nosso país, já parece muito distante em nossa lembrança. Ao mesmo tempo, segue vivo em nosso cotidiano, pois certo receio de contrair Covid-19 atinge, ainda, muitas pessoas.

Em que pese a presença desse efeito traumático, podemos afirmar que, uma vez mais, a ciência trabalhou em prol da humanidade, estabelecendo diretrizes de comportamento sanitário e intensificando o desenvolvimento de vacinas, medidas que foram fundamentais para o controle da peste do século XXI.

Mas, como parte do resíduo traumático, restou a preocupação com o futuro: podemos circular livremente, viajar, ir a shows, festas, viajar?

E organizar grandes eventos no formato presencial?

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), após muitos debates e consultas, tomou a decisão de confiar no futuro: o 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise ocorrerá no período de um a quatro de novembro de 2023, no Centro de Convenções Royal Palm, em Campinas (SP) e terá como tema central “O Eu com Isso: afetos em emergência”.

O início da organização do evento ocorreu em um encontro no formato presencial em fins de abril na cidade do Rio de Janeiro, com vistas à definição do tema central do evento. A reunião contou com a participação da diretoria da Febrapsi e do Conselho Científico, composto pelos diretores científicos das entidades componentes. O clima entusiasmado e amistoso da reunião estabeleceu-se pela possibilidade do encontro pessoal e do debate amplo a respeito das ideias trazidas pelos representantes das federadas.

O tema central “O Eu com Isso: afetos em emergência” surgiu como forma de homenagear o centenário de *O ego e o id*, trabalho publicado por Sigmund Freud em 1923. Um dos textos basilares do movimento freudiano da década de 1920 (que André Green denomina de o Giro dos Anos 20) *O ego e o id* definiu um novo desenho da mente, o modelo estrutural, que, além do Ego e do Superego, contém o Id, território das pulsões primárias. Os delineamentos teóricos trazidos por Freud neste trabalho relacionam o aparelho psíquico com a filogenética, a relação

com a realidade (objeto) e com a cultura em seus aspectos permanentes e contemporâneos.

Tendo em vista a visão ampla que o texto de Freud nos proporciona, temos a convicção de que “O Eu com Isso: afetos em emergência” permitirá aos participantes do Congresso debater temas tão diversos como a metapsicologia, a clínica psicanalítica atual, as transformações culturais contemporâneas, as relações políticas, os movimentos identitários, a relação do ser humano com a tecnologia entre outros.

E já está sendo possível constatar a amplitude de debate que o tema central do evento

permite por meio dos encontros preparatórios realizados pelas entidades federadas em conjunto com a Febrapsi.

A Febrapsi e a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas, federada anfitriã do evento, estão trabalhando intensamente para que o 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise mantenha a tradição de ser um espaço de debate psicanalítico amplo e democrático, de uma agradável convivência e troca de experiências e, ao mesmo tempo, se constitua em um marco de restabelecimento da confiança no encontro presencial entre as pessoas.



Francisco de Goya, O voo das bruxas

Fake News: o que faremos com isso?

Cíntia Xavier de Albuquerque

Membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

Fake News é crime e seu estudo impõe-se a diversos campos do saber: o direito, a justiça eleitoral, a sociologia, o jornalismo, a psicanálise, a política e a filosofia são algumas das áreas que têm se dedicado a conhecer esse complexo fenômeno.

Gosto da expressão desinformação intencional porque é disso que se trata. De 2016 em diante (Brexit e as eleições de Trump) essas criaturas do universo digital vêm alcançando rapidez de produção e velocidade de disseminação incontroláveis. A hiperpolarização da política e o avanço da direita conservadora digital no mundo fazem parte da gênese do fenômeno que visa enganar, distorcer e manipular para atingir objetivos a qualquer preço. Dentre suas características, destaco a malignidade. Os pesquisadores chamam esse modo de funcionar de política suja, e o estudo das Fake News é uma linha de pesquisa acadêmica. Quadros conceituais, métodos de coleta, medições e análise para lidar com isso ainda estão sendo inventados.

Esse fenômeno afeta profundamente o jornalismo, seu lugar nas sociedades democráticas e sua relevância social. Com a proliferação de falsificações nas narrativas sobre fatos políticos, parece que é o próprio jornalismo, a instituição a quem historicamente se reputou o privilégio de nos assegurar sobre os acontecimentos da realidade, que está sendo epistemologicamente questionado e desafiado. Recentemente, assisti a uma live com três jornalistas do canal MEIO cujo tema foi "A responsabilidade do jornalismo". Eles se perguntavam como fazer um bom jornalismo em um ambiente de ameaça à democracia e de proliferação incontrolável de notícias falsas. Por que incontrolável? Porque pesquisas mostram que sites com notícias falsas têm três vezes mais acesso, pois a sordidez atrai e vende, publicidade barata atrai e vende e é daí que vem o dinheiro. A confirmação da veracidade de uma notícia demanda esforço, custo e tempo, e cada notícia falsa veiculada já passou por incontáveis grupos, causando estragos. A Agência Lupa, por exemplo, é um site de notícias e mídia que se dedica a checar a veracidade das informações diariamente, e tem como lema o compromisso com a reflexão. A maioria dos sites da grande mídia dispõe, hoje, de pessoas contratadas para ficar checando o que é fato ou fake.

Recentemente a IPA promoveu uma live com três psicanalistas de diferentes continentes sobre Fake News e o colega José Carlos Calich foi um dos apresentadores. Considerando a magnitude, a constância dos ataques à realidade e a desconsideração pelo outro, ele vê as Fake News como um sintoma da mentalidade

grupal contemporânea e pensa que nenhum fenômeno de comunicação desta ordem e com essas características seria possível se não houvesse uma receptividade humana específica a suas propriedades no contexto individual ou coletivo. Em suas reflexões, considera o papel dos mitos e símbolos culturais na constituição do psiquismo, tanto facilitando quanto obstruindo esse processo. Assim ele conclui seu texto denso e consistente: "A única força capaz de se contrapor à preponderância destes mitos não estruturantes é a recuperação ou a primeira instalação do investimento libidinal com poder de ligação."

Eu também, representando a Febrapsi na 73ª Reunião Anual da SBPC, ano passado, fiz reflexões levando em conta o desenvolvimento do bebê humano que, em suas primeiras relações, vai se constituindo mais ou menos confiante ou frágil, tendo como aspecto básico o desamparo. Ressaltei a turbulência da adolescência e a vulnerabilidade aumentada; lancei meu olhar sobre a mentira, com o auxílio de Bion, em *Mentiras e o pensador*, onde ele diz que, para o mentiroso contumaz, o outro não tem existência reconhecida internamente, é apenas um obstáculo a ser ultrapassado, no intuito único de atingir seus objetivos.

Bion destaca que mentir dá mais trabalho psíquico do que pensar. A mentira demanda um pensador. O pensamento verdadeiro, não: ele aguarda o pensador. Muitos pensadores, nesse sentido, são necessários para a indústria da desinformação intencional. Além de tecnologia e nenhum escrúpulo. Por que não se consegue acabar com isso, caracterizado como crime, sobre o qual não havia menção no nosso Código Penal? Porque significativa parte das pessoas quer esses produtos. E quer líderes que se apresentam como salvadores.

Sabemos um pouco sobre a psicologia das massas, com Freud. Temos de um lado indivíduos que não têm constrangimento algum em impor seus objetivos e, de outro, milhões de pessoas manejadas como marionetes. Nesse ponto, recomendo o artigo *A mente totalitária*, do colega Luiz Meyer, e os textos de Roosevelt Cassorla sobre o fanatismo.

O psicanalista inglês David Morgan, na live da IPA, lembra que os poderosos, os perturbados e os obcecados sempre mentiram para manipular



Cíntia Xavier de Albuquerque

Membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

os outros. Sim, o que mudou foi a proliferação de meios para se fazer isso: hoje se dispõe da disseminação digital, com uma capilaridade sem precedentes, sem as antigas barreiras da comunicação, sem fronteiras geográficas. O que muda tudo. Diz Morgan: "Fake News é um sintoma mercantilizado do nosso mal-estar social... nos afogamos em informações que vão de uma teoria para outra, incapazes de processar qualquer coisa antes que outra ideia chegue, aumentando a dificuldade de pensar". Ele considera as enormes incertezas da atualidade - como as mudanças climáticas, a consciência de nossa mortalidade e o fim da existência humana na Terra - como verdades insuportáveis que mantemos impensadas. Faltam adultos para pensar a complexidade da realidade. Sobram a simplificação mental excessiva - muitas vezes proposta pelos líderes autoritários e pelas religiões - e indivíduos regredidos.

Não esqueçamos que a capacidade de pensar é uma conquista, depende de um desenvolvimento favorável, e isso se aplica a indivíduos e a grupos. Portanto, alcançar alguma maturidade requer trabalho psíquico. Nessa busca por melhor compreensão do que vivemos hoje, abro meu leque e me volto para diversas possibilidades. Ao escrever esse ensaio encontrei outra live, dessa vez com o psicanalista lacaniano Jorge Forbes sendo entrevistado por Pedro Dória e Cora Ronái, com o tema "O que a psicanálise diz sobre o mundo digital". Já de saída, Jorge diz que a tecnologia revolucionou a nossa identidade, mudou completamente nossas vidas e o mundo em que vivemos hoje. A internet, a seu ver, horizontalizou o laço social, que foi vertical de Homero até 40 anos atrás, durante 2800 anos: tínhamos padrões, como natureza, Deus, razão (iluminismo), era um mundo disciplinado, e a tecnologia vem mudando tudo e nos deixando "desbussolados", perdidos, desorientados. O mundo ocidental atual é líquido, oferece múltiplas opções, é flexível, criativo e por isso demanda mais responsabilidade.

Que há uma nova maneira de viver, é inquestionável: a educação, o direito, o amor, a morte... está tudo diferente e estamos com muitas dificuldades. Seguiremos analisando, investigando e vivendo.

O Eu e o Id em tempos de transparência¹

Sylvain N. Levy

Membro associado da Sociedade de
Psicanálise de Brasília (SPBsbs).

Desde a concepção, as mudanças estão presentes e formam e conformam as nossas vidas. Algumas imperceptíveis, outras constantes e outras permanentes. Paternidade e maternidade são exemplos de transformação permanente e constante. Uma vez realizadas, essas vivências ficam permanentes enquanto duram e sempre viveremos transformações com os filhos, num processo constante de mudanças.

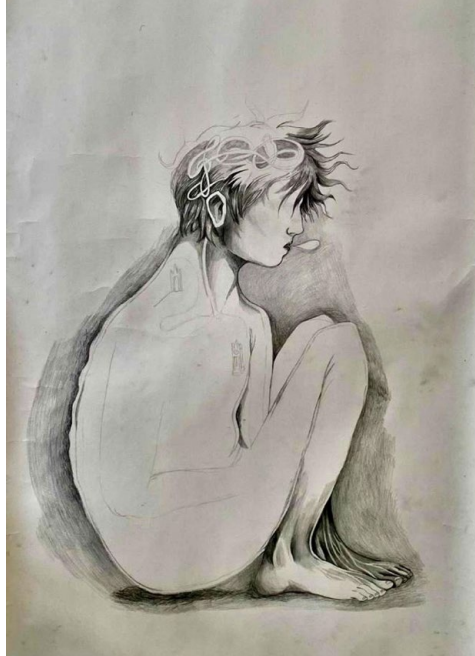
Determinadas transformações são tão lentas que se arrastam por milhões de anos como a transformação na gestação de 270 dias da espécie humana. Nossos ancestrais da ordem dos primatas, ao serem classificados como família Hominídeos, foram divididos em subfamílias e daí em dois gêneros: Homo, para humanos e Pan, para chimpanzés e bonobos. A gestação dos bonobos dura 240 dias e dos chimpanzés 243 dias. Essas diferenças de cerca de 30 dias em relação aos humanos foram fundamentais para promover a divisão biológica e evolutiva nas subfamílias, e foram ocorrendo em período calculado de milhões de anos. Também serviram para alterar muito mais do que uma classificação biológica.

Deve-se a um sobrinho de Freud, Edward Barnays – na década de 20 do século passado, há cem anos, o que é um tempo curtíssimo em termos de civilização –, uma mudança no impulso do consumismo: ao consumo por necessidade foi acrescentado o consumo por desejo, muito mais episódico em termos de desejo, mas muito mais potente e permanente em termos de desejar. O desejar é como uma pauta musical eternamente desenhada e presente e os desejos são como as notas musicais, que se alteram a cada momento, com andamento e harmonias variadas e singulares.

Não é possível dizer que a partir daí o **Id** imperou nas sociedades, mas podemos pensar que passou a desempenhar um papel mais importante e sem dúvida muito mais evidente. É de se assinalar que algumas características humanas sempre estiveram presentes, outras foram se agregando às pessoas e às sociedades e algumas se exacerbaram.

Deve-se a Marshal MacLuhan, que nas décadas de 50 e 60 revolucionava a comunicação e a informação de massa, a concepção de que o meio é a mensagem ou, entendido de outra maneira, que a forma e o conteúdo podem se misturar e causar novas interpretações e algumas confusões.

Nesses últimos 70 anos, a pesquisa e o desenvolvimento científico e tecnológico caminharam de forma tão rápida, profunda e abrangente que



Luna Buschinelli, desenho com nanquim e carvão

passamos do telefone sem linha (aquele fixo, lembram?) ao telefone sem fio. Do DC3 ao avião a jato. Do tubo de imagem ao LED. Do computador a válvulas ao circuito integrado num relógio de pulso. A ficção científica, onde a concretização do imaginado passa a ser uma questão de tempo e não mais de possibilidade, está sendo substituída pela ficção social. A questão a ser equacionada passa a ser: como apropriamos e apropriaremos essas novas conquistas?

Não é simples entender esse mundo com características marcantes na atualidade, tanto em indivíduos quanto em coletividades, como o narcisismo, o imediatismo, os impactos da velocidade de incorporação tecnológica, o desejo de lucro fácil, o globalismo, a concentração de renda e de poder, o transnacionalismo e a transparência na sociedade.

Abrindo um pequeno parêntese que acredito possa servir de síntese e símbolo para várias dessas expressões, vou contar uma experiência vivida por mim em 1978. Por motivos profissionais estava eu numa aldeia de indígenas no interior do Pará quando vi com surpresa uma jovem índia vestida ou desvestida como índia, porém usando uma meia soquete e brilhante da telenovela *Dancing days*, de grande audiência na época.

O globalismo dos negócios entre países vem acoplado de imensa concentração de renda e de poder não só por países, mas por corporações empresariais que com aglomerados transnacionais eliminam as fronteiras nacionais. Como exemplos, podem ser citados os conglomerados nas áreas de laboratórios farmacêuticos, de automóveis, de alimentação e fertilizantes.

Outro elemento fundamental na eliminação das fronteiras é a Internet. Os processos, métodos

e técnicas atuais de comunicação e informação ultrapassam todos e quaisquer limites e seus usos sem discriminação contribuem para fazer desaparecer outra e mais importante demarcação: aquela entre a verdade e a mentira, muitas vezes com a produção de *fake news* e outras com a produção de *fake facts*, quando a verdade de um dado ou informação é utilizada para fabricar um fato que não ocorreu, criando uma realidade paralela e um surrealismo ainda mais distorcido.

Retornando a uma expressão acima referida: Sociedade, o que é sociedade?

Semanticamente sociedade é um agrupamento de seres que convivem em estado gregário e em colaboração mútua. Para a Sociologia, é um grupo humano que habita um certo período de tempo e de espaço, seguindo um padrão comum, o que poderia corresponder a coletividade.

Etimologicamente, sociedade vem do latim *socius* que significa **compartilhamento**.

Para nós, psicanalistas, se bem entendemos o pensar de Freud em o *Mal-estar na civilização*, a sociedade é considerada como inimiga da satisfação de instintos primordiais como agressão e sexualidade, quando o homem precisa reprimir a si mesmo para viver numa sociedade civilizada.

No entanto, numa sociedade estruturada como civilização é necessário que ela se erga sob o império das leis. Ainda como escreveu Freud, é necessário que essas leis funcionem como três pilares fundamentais no processo civilizatório e sirvam para: 1º) defender o homem do estado; 2º) defender o estado dos homens; e 3º) defender um homem do outro.

A dificuldade dessas relações entre humanos, sociedade e civilização pode ser expressa na ideia singela dos modos e tempos de transformações: o homem desceu da árvore há mais ou menos quatro milhões de anos, mas as leis começaram a ser codificadas e publicadas (no sentido de difundir ao público) há, aproximadamente, seis mil anos, na civilização Suméria com o Código de Hamurabi. Essa constatação nos coloca com mais de três milhões e 990 mil anos regrados por normas individuais de conduta, **sem compartilhamento coletivo** (olha o *socius* aparecendo outra vez), onde as emoções primordiais de medo, ódio e amor são tragadas pela força dos instintos e a eles se misturam em processos fusionais.

Desse modo, fica fácil perceber que os tempos e modos humanos têm um número muito maior de anos relacionados aos instintos básicos de luta e fuga, de sobrevivência e preservação, tanto individual como da espécie, do que àqueles relativos ao comportamento social propriamente dito. Também carregam, nessa caminhada evolutiva, uma “quantidade” ou um conjunto muito menor de condutas de respeito ao outro, de respeito à sociedade, de fraternidade e solidariedade, o que pode ser chamado de fina capa de **verniz civilizatório**.

Com essas considerações, podemos pensar que, para essa infância civilizatória de seis mil anos, a humanidade até que vai bem, principalmente se constataremos que muitos movimentos sociais e coletivos cobram mais celeridade e profundidade de governos, de entidades e mesmo das pessoas nas ações políticas e operacionais sobre as alterações climáticas, ecologia, proteção às florestas e aos povos originários, democracia, ➔

¹ Trabalho apresentado na Jornada Científica da FEBRAPSI-SPBsbs, em 27/08/2022, sob o tema “Sociedade da transparência”.

→ ações humanitárias, e condutas em relação as diversidades, entre outras.

Segundo Wendrow e Graeber, no recém-lançado livro *O despertar de tudo*, “Rousseau imaginou que os humanos começaram como criaturas inocentes, felizes, mas também estúpidas, que vagueavam pela selva, incapazes de mudar suas circunstâncias, conformados em sua simplicidade. A agricultura e a propriedade privada foram inventadas, e essa civilização arruinou tudo.

“Já Hobbes imaginou também um início simples para a história humana, que não era tão feliz. Ao contrário disso, humanos altamente egoístas viviam em estado de guerra, e a única coisa capaz de impedir o tumulto permanente foi a criação do Estado, com leis, tribunais, prisões, forças policiais e Exércitos, maneiras de conter o que seria nosso instinto animalesco e competitivo.

“Estranhamente, ainda que Rousseau e Hobbes partissem de premissas muito diferentes, eles chegaram em um mesmo lugar, no qual somos levados a simplesmente aceitar a pobreza, os sem-teto e outras formas extremas de desigualdade como se fossem efeitos colaterais naturais da civilização”.

Se para as implicações coletivas está assim, como vemos as individuais? Alguma evolução ou continuamos aprisionados pelos instintos e emoções básicas? O narcisismo, o consumismo e o interesse em satisfação imediata, traduzidos pela necessidade de ter mais coisas, mais bonitas e melhores, pode ter encontrado uma sublimação no lema olímpico “*Citius, Altius, Fortius*” – mais rápido, mais alto, mais forte, slogan não só aceito como estimulado por uma sociedade essencialmente competitiva.

Aqui cabe fazer um apontamento marcante. A arte e o esporte (ou a atividade física) são duas das atividades mais antigas realizadas pelos humanos, sendo, provavelmente, por suas capacidades introjetivas e projetivas, as atividades mais vinculadas ao espírito, às emoções e aos instintos.

Uma última observação diz respeito ao comportamento de pessoas que reclamam da invasão de privacidade nas redes sociais e demais instrumentos processados pela Internet. Em grande parte, essas pessoas “reclamonas” são as mesmas que publicam em seus Fases, Instagrams e Tik Toks dados pessoais, registros de viagens e de sucessos e as aquisições de bens e valores. A transparência também é um atributo de quem vê e não só de quem mostra.

Para finalizar, vou contar uma piadinha judaica que acredito pertinente ao tema e ao momento:

Dois velhos amigos se reencontram depois de anos sem se ver e um deles pergunta:

- E então Samuel, como vai a família?

E Samuel responde com tranquilidade: Bem.

- E os negócios? continua a perguntar o amigo.

- Bem também, responde Samuel sem entusiasmo.

- E você continua a fazer exercícios e a jogar tênis?

- Sim – diz Samuel com cara de enfado –, fui campeão sênior ontem.

- Então não estou te entendendo, Samuel. Se está tudo bem por que essa falta de alegria?

E Samuel responde: É que felicidade não é tudo.

Por que o CPLP - Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa?

“Não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, ou seja, a língua é um produto social da faculdade da linguagem. Já a fala (discurso), ao contrário, é individual e voluntária.”¹

(Leila Longo)

O 1º Encontro em julho de 2009, no Rio de Janeiro, foi o início dos intercâmbios da psicanálise com as comunidades de língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Esse primeiro Encontro teve a perspectiva de trabalhar com a questão da saúde mental com uma visão multidisciplinar e, principalmente, com o desenvolvimento de um fazer que denota “a criatividade, bravura, obstinação e o compromisso com seus povos, nascido da luta anticolonial e dos difíceis primeiros anos de independência”². Essa abordagem evidenciou as trocas de experiência entre os atendimentos nos hospitais gerais com a medicina tradicional, realizada por curandeiros e pelas práticas populares.

Num contexto histórico e curioso, vimos o filósofo português Agostinho da Silva – no governo de Jânio Quadros, como parte de uma estratégia política, econômica e cultural – criar a aliança entre o Brasil e a África, contrariando o interesse norte-americano em manter a concorrência entre esses dois países. Agostinho da Silva ambicionava uma comunidade lusófona internacional, onde “deveria se erigir um núcleo de poder baseado na articulação de todos os países de língua portuguesa”³. Ele acreditava que o Brasil, por suas dimensões geográficas, com potencial interno e científico, buscava seu desenvolvimento e autonomia, e não estaria destinado ao imperialismo ou neocolonialismo. Assim, colocou o Brasil na liderança, pela implantação do projeto de lusofonia, das relações internacionais com os “antigos territórios coloniais independentes”⁴. No pensamento de Agostinho, essa aliança fortalecia os laços de referências e de comunicação entre os continentes africano e brasileiro, e um “ideal de autodeterminação dos povos”⁵.

Importante ressaltar que Agostinho da Silva, ao criar o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO), incluiu os estudos de yorubá e promoveu ações afirmativas para os excluídos, permitindo a entrada na universidade de africanos, afro-brasileiros, seguidores do candomblé e aqueles sem escolaridade. Era o início dos anos 60, quando o mito da demo-



Eloá Bittencourt Nóbrega

Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi, membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

cracia racial vigorava fortemente, e imagino que ele podia entender que o racismo era – e ainda é – propulsor desse mito. Desta forma, sendo os excluídos em sua maioria negros, havia nas ações de Agostinho um contato com a realidade, com a história da escravidão e seus desdobramentos sociopolíticos que posicionaram os africanos – e descendentes – à margem da inserção educacional oferecida pelo Brasil”⁶.

O 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa deverá ser realizado em abril de 2023, em Salvador, nos espaços da Universidade Federal da Bahia e do Museu de Arte da Bahia, com o tema: “Escravidão e Liberdade – Travessias do corpo e da alma”. O tema principal aponta a desigualdade e a crueldade histórica até hoje, e o subtema reflete a violência, as lutas e os traumas. A desigualdade aportou nos países europeus e nas Américas, onde não havia humanidade para os negros, porto sem alma, corpo sem sujeito. A liberdade é tênue, vem a partir do outro e com o outro pelas identificações, pela cultura e pelas relações sociais, políticas e econômicas que possam suportar a diferença e o conflito. Tudo isso vai impactar a travessia, no singular, pois as singularidades não são permitidas no racismo, que carrega o ódio à diferença.

A razão do Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa existir está na manutenção de um diálogo permanente no campo da ética e da política. Pelo compromisso e pela “responsabilidade que cada um deve abrigar em si mesmo, (...) o psicanalista deve se comprometer com toda e qualquer iniciativa pública de minorar o exercício da crueldade e da destruição”⁷.

“Deixando para trás mares da escravidão/ É a mesma língua é a mesma razão/ É o nosso sonho em conversas canções/ Criar o futuro aprendendo as lições/ E o futuro nasce com novas missões/ O amor é o rei de infinitas versões”⁸.

1 Leila Longo, *Linguagem e Psicanálise*, p. 31.

2 Ney Marinho, revista TRIEB, *Português: língua e existências*, 2010, p. 11.

3 Nogueira e Oliveira, *A origem da CPLP no Brasil*, TRIEB, 2010, p. 24.

4 Idem.

5 Idem.

6 Idem, p. 27.

7 Fuks, *Por que a crueldade?*, TRIEB, 2010, p. 176/178.

8 Elisa Lucinda, *Amor Cuidado*, TRIEB, 2010, p. 247.



S.O.S Brasil

Atendimento psicanalítico gratuito e on-line para pais, gestantes e cuidadores de bebês, crianças e adolescentes

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Professora e analista didata da SBPSP, de São Paulo, e da SBPCamp, de Campinas
Idealizadora do Projeto SOS Brasil

Marly Terra Verdi

Professora e analista didata da SBPSP, presidente do CEP de São José do Rio Preto e Região
Coordenadora geral do Projeto SOS Brasil

O projeto SOS BRASIL nasceu em janeiro de 2021 objetivando oferecer atendimento psicanalítico on-line e gratuito a seres em formação que vivenciavam intenso sofrimento psíquico devido à pandemia da Covid 19 e à ausência de políticas públicas de enfrentamento à tragédia instalada. Hoje, o projeto conta com 69 psicanalistas distribuídos por eixos de atendimento e coordenados por psicanalistas experientes: Eixo 1 – bebês; Eixo 2 – crianças; Eixo 3 – adolescentes; Eixo 4 – adultos cuidadores e Eixo 5 – instituições vinculadas à infância e adolescência.

Os psicanalistas de cada Eixo reúnem-se em ateliês quinzenais para examinar e aprofundar as questões relativas aos atendimentos em curso. Situações clínicas são discutidas em reuniões científicas mensais, coordenadas por um psicanalista convidado.

O projeto conta com o apoio do Grupo Corpo, coordenado por um psicanalista, composto por 60 profissionais das áreas da assistência social e da saúde, o qual permite ao SOS Brasil atender ao caráter multifatorial dos transtornos emocionais.

Até o momento, os psicanalistas atenderam 332 pacientes e continuam a atender, mas há outros em lista de espera em situações emergenciais. A população atendida é composta por pessoas de baixa renda em situação de vulnerabilidade social.

Nesse sentido, convidamos os colegas da Febrapsi para aderirem ao projeto em um dos Eixos. Salientamos que para os Eixos I e II é necessário experiência em Observação da relação mãe/bebê pelo método Esther Bick e formação específica em infância, respectivamente.

A experiência de trabalho no projeto SOS Brasil permite que exerçamos nossa responsabilidade social com as preciosas ferramentas da Psicanálise e que tenhamos a oportunidade de esculpir a sempre inacabada identidade analítica.

Agradecemos o apoio da Febrapsi e de todos os colegas envolvidos e aguardamos, esperançosos, a adesão de novos colegas.

Febrapsi fará série de vídeos sobre a formação em psicanálise

Renata Arouca

Diretora do Conselho Profissional da Febrapsi, membro associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).



Renata Arouca

Diretora do Conselho Profissional da Febrapsi, membro associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

Existe, atualmente, um cenário que evidencia a importância da psicanálise, por seu espaço de escuta e testemunho de angústias ao revelar o inconsciente recalcado e, também, no acompanhamento da construção, a construção pós-traumática e suas possibilidades de sentidos às experiências e as resistências a essas experiências. Temos ainda um aumento na quantidade de oferta de cursos em psicanálise que, em sua grande maioria, se apresentam sem “credenciais” para este fim e sem a noção do que seja o exercício deste ofício. Tudo isso nos faz pensar sobre a responsabilidade profissional com que se encara esta tarefa, as questões com relação à ética e a formação para afinação desta escuta que ocorre pela vida inteira.

A psicanálise é um ofício e não uma profissão regulamentada por lei federal, como são as de psicólogo, médico, jornalista, historiador etc. No Brasil, assim como em outros países, existem diferentes tipos de formação psicanalítica, desde as regulamentadas pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA, sigla em inglês), realizadas por suas sociedades filiadas e credenciadas para tal, as oferecidas por entidades independentes e/ou filiadas a escolas dissidentes, como as lacanianas, por exemplo, os psicanalistas de formação autogerida, os coletivos de psicanálise a céu aberto, além das formações que aparecem frequentemente se auto intitulado psicanalíticas e oferecendo cursos.

Nesse sentido, o que regula este ofício intitulado de psicanálise? Qual o conjunto de prescrições mínimas, teórico-técnicas, para que o trabalho realizado seja chamado de

psicanálise e o profissional nele implicado de psicanalista? Diante desta realidade e das demandas da Diretoria do Conselho Profissional, a Febrapsi implementará o projeto “Psicanálise: a formação de um psicanalista”, que envolve uma live e uma série com várias temporadas, com o objetivo de esclarecer como é a formação em psicanálise nos critérios da Febrapsi/IPA e suas 18 federadas. Essa série, que deverá ter início no final deste ano, também vai mostrar o tripé necessário para a formação em psicanálise, destacando o que a difere de outras abordagens, além de divulgar a possibilidade de procurar um analista para análise que tenha essa formação. A data da live está marcada para nove de novembro de 2022 às 20h30.

Serão vídeos curtos com os membros de seus Grupos, Institutos e Sociedades a serem transmitidos nos canais da Febrapsi em suas redes sociais (Youtube, Facebook e Instagram), lançados com regularidade e sequência para que todos tenham acesso à cultura psicanalítica das nossas federadas.

Psicossomática: um belo tema para o Congresso

Victória Béjar

Membro efetivo e docente da Soc. Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)¹

O tema do Congresso da Febrapsi “O Eu com Isso: afetos em emergência”, levanta aspectos que podem ser abordados pela psicossomática psicanalítica, cujo estudo é focado em como se dão os entrelaçamentos do corpo com a mente. Como podemos pensar na 2ª tópica e suas relações com as diferentes dimensões corporais?

Há 60 anos, um grupo de psicanalistas franceses pesquisou um dado frequente encontrado nos pacientes com somatizações e nas doenças graves: um funcionamento mental peculiar que acompanhava os transtornos somáticos. A partir

daí surge uma nova versão do corpo, o corpo psicanalítico – instintual-pulsional –, que pertence ao campo do funcionamento mental, ao lado do corpo fisiológico. Nas doenças corporais passam a ser consideradas causas emocionais, ligadas aos afetos e pulsões eróticas e destrutivas.

Os psicanalistas que recebem pacientes somáticos são confrontados com enfermos que apresentam desordens e alterações das funções fisiológicas. É em referência à ordem das pulsões que o psicanalista deve construir sua compreensão dos fenômenos psicossomáticos. Logo, devemos descrever o corpo psicossomático em função de seu lugar em cada uma das três instâncias psíquicas: ego, Isso e Superego.

É um belo tema a ser desenvolvido e aprofundado no próximo congresso!

¹ Coordenadora do Grupo de Estudos e Investigação das Expressões Corporais da dor Psíquica: Dor crônica e psicossomática psicanalítica, da SBPSP; organizadora do livro *Dor psíquica, dor corporal – uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2017.

Congresso da IPA debate impactos de fatos traumáticos em pessoas e na sociedade

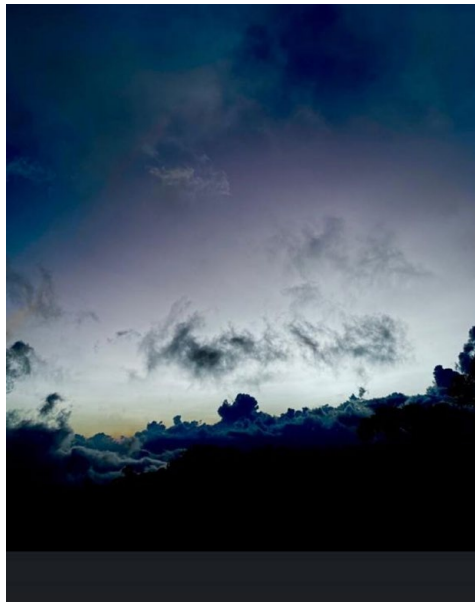
Helena Daltro Pontual

Membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

O 53º Congresso da IPA será realizado em Cartagena, Colômbia, no período de 26 a 29 de julho de 2023, de forma presencial. Na ocasião, também haverá a 27ª Conferência da IPSO. O tema do Congresso é “Mind in the line of fire” (Mente na linha de fogo). O objetivo do programa do Congresso – publicado no site da IPA – é desenvolver ainda mais a teoria psicanalítica, tanto na influência do indivíduo sobre o coletivo, quanto sobre o impacto do contexto social no indivíduo e no coletivo, de acordo com os organizadores do evento.

As desigualdades sociais aumentaram violentamente durante a pandemia do coronavírus, agravando problemas como pobreza, violência, imigração forçada, racismo, tráfico humano e sexual. Outras questões graves como mudanças climáticas, aumento de dependência química e feminicídio também fazem parte do que os organizadores do Congresso chamam de “tempestade perfeita de trauma internacional”. Destacaram ainda ocorrências traumáticas de genocídio, tiroteios e agressões compartilhadas nas mídias sociais e vivenciadas por pacientes, famílias, amigos e colegas.

As perguntas básicas para este congresso são, portanto, segundo os organizadores: Como as perspectivas psicanalíticas e sociais se cruzam?; e como nosso método e técnica foram afetados por toda essa realidade? Psicanalistas e pacientes, movidos pelo processo psicanalítico, costumam trabalhar com a mente na linha de fogo. Por esse motivo, outras perguntas também se fazem presentes: É diferente em tempos de pandemia? Ou no trabalho com pessoas em



Fotografia de Cíntia Buschinelli

situações extremas? Ou com adolescentes? Ou em um mundo com a cultura do narcisismo?

Os organizadores convidam os psicanalistas para compartilhar suas experiências nos últimos três anos com as lentes da psicanálise, com apresentação de artigos, painéis, palestras, filmes, modelos comunitários, pôsteres e discussões em pequenos grupos, como é de praxe.

O Comitê do Programa do Congresso é composto por: Adrienne Harris, presidente; Harvey Schwartz, copresidente, América do Norte; Ruggero Levy, copresidente, América Latina; Claudia Spadazzi, copresidente, Europa; Florencia Biotti, vice-presidente da IPSO para a América Latina; Adriana Prengler, ex officio, vice-presidente da IPA; e Karina Gutierrez, Gerente de Eventos da IPA.

Atividades da ABC em 2022

Em maio deste ano, realizamos um evento inédito reunindo as diretivas da Associação Brasileira de Candidatos (ABC), da Organização dos Psicanalistas em Formação da América Latina (OCAL) e da International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), da IPA. O evento, intitulado “(Re)encontrando Caminhos”, foi realizado na sede da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro (SPRJ). O propósito do encontro foi discutir a formação psicanalítica nos formatos híbrido, *on-line* e presencial, bem como os atendimentos clínicos *on-line* pós pandemia. Foi um (re)encontro bastante enriquecedor e prazeroso, no qual pudemos dividir com colegas experiências diversas.

Em julho, a ABC promoveu o evento “Diálogos por construções descolonizadoras”,

cujo objetivo foi abordar os temas da inclusão e a da diversidade dentro da formação.

Neste segundo semestre, estão sendo realizados os encontros regionais da ABC e decidimos abrir um espaço nesses eventos para uma reflexão junto aos colegas da OCAL e IPSO, o que tem sido uma experiência inédita e estimulante.

Em agosto, ocorreu o encontro regional do Nordeste, cujo tema foi “Transitoriedade”. Em setembro, tivemos o regional do Centro-oeste, cujo tema foi “O desejo da formação e a formação do desejo em ser psicanalista”. Em outubro foi realizado o regional do Sudeste I, cujo tema foi a “Inclusão e exclusão nas formações psicanalíticas”. Em novembro acontecerão os regionais do Sul e Sudeste II.

Comissão de Vínculos de Casal e Família da Febrapsi



Denise Zimpek Pereira

Secretária Geral da Febrapsi, membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Na última Assembleia da gestão anterior foi aprovada a Comissão de Psicanálise dos Vínculos de Família e Casal da Febrapsi. A SPBsb, de Brasília, a SBPSP, de São Paulo e a SBPdePA foram as federadas que formal e informalmente fizeram os primeiros movimentos para tal realização.

O trabalho Psicanalítico com Famílias e Casais tem sido considerado uma expansão da Psicanálise, como o foram a Psicanálise de Crianças e Adolescentes, incorporados à IPA. Há alguns anos, foi instituído e aceito pela IPA o Comitê de Psicanálise dos Vínculos de Família e Casal (COFAP). No Brasil, temos algumas sociedades que oferecem seminários eletivos e com grupos de estudos com funcionamentos sistemáticos. Primeiro, contamos colegas representativos na área e ligados às federadas solicitantes, já com alguns trabalhos/experiências estabelecidos na área.

Dessa forma, iniciamos com um pequeno grupo, mas que atualmente já conta com vários (as) colegas provenientes das Federadas: Ana Carolina Ramon Tiuso (SBPMG), Andréia Lobo Costa Capos de Melo (Sociedade de Goiânia), Bruno Salésio S. Francisco (Sociedade de Pelotas), Carmen Emília Keidann (SPPA) Denise Moratelli (Sociedade Ribeirão Preto), Denise Zimpek (SBPdePA) e Secretária da Febrapsi, Eliane Cotrin Levcovitz (SBPRJ), Flávia Costa Strauch (SBPRJ), Frida Atié (SBPRJ), Maria Hayddé Augusto Brito (SPFOR), Maria José Miguel, (SBPSP e SPBsb), Patrícia Goldfeld (SBPdePA) e Vera Lúcia C. Lamanno Adamo (SPBsb), sob a coordenação de Lia Rachel Colussi Cypel (SBPSP) e a vice coordenadora Lúcia Eugênia Velloso Passarinho (SPBsb).

Esse grupo deverá ser ampliado com mais alguns convites feitos pelos próprios componentes. Ele terá o papel de organizar as atividades, tarefas, eventos, projetos da Comissão junto às Federadas, no sentido da divulgar a Psicanálise Vincular como teoria e técnica no atendimento de casal e família, para que, ao longo do tempo, exista uma plena integração e contínua interlocução, com a função de fomentar o desenvolvimento da Psicanálise Vincular, conjuntamente entre a Comissão da Febrapsi e suas equivalentes nas federadas.